

Leodegário Amarante de Azevedo Filho é conhecido como ensaísta, crítico literário, filólogo e professor. As qualidades manifestadas em cada uma destas formas de atuação estão sugeridas pela longa lista de premiações a que ele vem fazendo jus, no Brasil e no Exterior, segundo o reconhecimento de seus pares: “Cidadão do Estado do Rio de Janeiro”, concedido pela Assembléia Legislativa de seu Estado (1974); “Comenda da Ordem do Infante Dom Henrique”, Governo de Portugal (1991); “Prêmio Machado de Assis”, pelo conjunto de suas obras, Academia Brasileira de Letras (1995); Professor emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ (1997); “Prêmio Luís de Camões”, União Brasileira de Escritores (1998); “Comenda da Ordem do Mérito Nacional”, Presidente Jorge Sampaio, Portugal (1999). E o rol poderia alongar-se, justificando, por si só, sua presença aqui como entrevistado.

Mas o fato de ele ter empregado seus conhecimentos filológicos na edição crítica das cantigas do trovador galego Pero Meogo (a 1ª edição é de 1974 e a 3ª, realizada na Galiza, é de 1995), além de vários outros ensaios que dedicou a temas do Medievo, dão-nos a certeza de que o leitor saberá reconhecer, nas entrelinhas da entrevista abaixo, seu incansável labor nas letras nacionais e estrangeiras, de ontem e de hoje.

ENTREVISTA

Entrevistadores: Lênia Márcia Mongelli (USP), Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA) e Paulo Roberto Sodré (UFES)

Entrevistadores: Uma consulta à sua produção bibliográfica mostra que o Sr. transitou sempre muito à vontade entre as literaturas Portuguesa e Brasileira, do período trovadoresco à era contemporânea. Por que a preferência por Camões, a quem dedicou (e dedica) vários estudos e edições?

Leodegário A. de Azevedo Filho: A razão é simples. Se Vieira é considerado, com bastante razão, o “Imperador da Língua Portuguesa”, Camões, inquestionavelmente, é o seu grande sistematizador, na passagem do Português arcaico para o Português moderno. E, por isso, costuma-se dizer que a Língua Portuguesa é de Camões, bem como a Língua Espanhola é de Cervantes, a Italiana de Dante e de Petrarca e a Francesa de Racine.

Entrevistadores: Com *As cantigas de Pero Meogo*, cuja 3ª edição foi publicada na Galiza em 1995, o Sr. fez-se conhecido também como medievalista. Por que se restringiu quase tão só a este trovador?

Leodegário A. de Azevedo Filho: Além de *As Cantigas de Pero Meogo* e de entrevistas e artigos esparsos, já publiquei os seguintes estudos referentes à Literatura Galego-Portuguesa: “O poema musical de Codax como narrativa”, no livro *Uma visão brasileira da literatura portuguesa*, Coimbra: Livraria Almedina, 1973, páginas 19-53. No mesmo livro, inseri os seguintes ensaios: “O verso decassílabo no Cancioneiro de D. Joan Garcia de Guilhade”, páginas 55-87; e “A poesia palaciana em foco”, páginas 89-97. Mais ainda: “Análise da técnica do verso decassílabo nas *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhadê*”, capítulo II do meu livro *O verso decassílabo em português*, Rio de Janeiro: Tese de Concurso, 1962. Em 1998, no *Ensaio de Lingüística, Filologia e Ecdótica* (SBL-UERJ), veio a público “Para uma leitura simbólica das Cantigas de Pero Meogo”, páginas 89-103. No mesmo volume, incluí o seguinte estudo: “Uma leitura de Martin Codax”, páginas 105-118. Por fim, reuni, num só volume, *Três Ensaio de Literatura Medieval Galego-Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2000.

Entrevistadores: Como idealizador e organizador da *Coleção Oskar Nobiling*, o Sr. poderia esclarecer por que o projeto inicial para publicação de 10 volumes, com edições críticas dos trovadores galego-portugueses, ficou reduzido apenas ao estudo de Pero Mafaldo e de Pero Meogo? Por que não foi adiante a Coleção?

Leodegário A. de Azevedo Filho: A *Coleção Oskar Nobiling*, infelizmente, não foi adiante por falta de interesse das editoras brasileiras.

Como sabe, ele foi o grande precursor da crítica textual no Brasil, por isso a coleção levou o seu nome.

Entrevistadores: Seu interesse pela Idade Média é estritamente filológico? Ou o Sr. atribui ao medieval papel mais amplo dentro da História literária, o qual está inserido num certo modo de exercer a Filologia, herdado dos alemães?

Leodegário A. de Azevedo Filho: O meu interesse por estudos ligados à Idade Média, além do estritamente filológico, no que diz respeito a edições críticas dos trovadores galego-portugueses, é claro que se volta para a valoração literária dos textos submetidos aos rigores da crítica textual. A propósito, veja o meu livrinho *Base teórica de crítica textual*, primeira edição de 1987 e segunda edição de 2004, pela Editora H. P. Comunicação, do Rio de Janeiro.

Entrevistadores: Como editor de textos medievais e de textos clássicos, qual sua opinião sobre as perspectivas abertas pela Filologia contemporânea relativamente à questão, por exemplo, da materialidade do texto, do respeito pela cópia e pelo texto único nas versões de cantigas individuais?

Leodegário A. de Azevedo Filho: Como editor de textos medievais e de textos clássicos, naturalmente valorizo todos os ramos científicos da moderna Ecdótica, na linha dos estudos dos saudosos filólogos Antônio Houaiss, Antenor Nascentes, A. José Chediak, Augusto Magne, Celso Cunha, Gladstone Chaves de Mello, Cleonice Berardinelli, Emmanuel Pereira Filho, Segismundo Spina, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e seus discípulos.

Entrevistadores: Acerca das possibilidades da informática, o Sr. acredita que a publicação *online* de manuscritos e edições críticas tem trazido benefícios aos estudos medievais? Algo a dizer sobre os critérios a serem seguidos na utilização desse tipo de instrumento?

Leodegário A. de Azevedo Filho: É claro que acredito na importância e na utilidade da informática no que se refere à publicação *online* de manuscritos e edições críticas de textos medievais galego-portugueses.

Entrevistadores: Todos sabemos dos complexos problemas lingüísticos que cercam os manuscritos de recolha da lírica trovadoresca galego-portuguesa. Como avalia a pujança de trabalhos ecdóticos e crítico-literários acerca desses testemunhos, envolvendo pesquisadores galegos, espanhóis, portugueses, italianos e brasileiros?

Leodegário A. de Azevedo Filho: A literatura medieval galego-portuguesa é uma paixão antiga em todas as grandes línguas de cultura do mundo. É mesmo uma especialização que tem contado com vários estudos científicos de vários filólogos, tanto aqui no Brasil como no resto do mundo. Veja, a propósito, a pequena bibliografia que publiquei no meu livrinho *Três ensaios de Literatura Medieval Galego-Portuguesa*, já aqui referido.

Entrevistadores: Como o Sr. define a espécie de lirismo que se disseminou na Idade Média, distribuído por gêneros bem delineados e submetido a rígido sistema normativo, centrado no modelo do “amor cortês”?

Leodegário A. de Azevedo Filho: Aceito a já consagrada distribuição da literatura medieval galego-portuguesa, no que se refere às cantigas (ou cantares) de amigo, de amor e de escárnio e mal-dizer, estas últimas de cunho satírico.

Entrevistadores: Em sua edição de Pero Meogo, o Sr. ressalta o teor narrativo das *cantigas de amigo*. A seu ver, a que se deve a quase ausência dessa mesma característica nas *cantigas de amor*?

Leodegário A. de Azevedo Filho: Acredito que o teor narrativo dos cantares medievais galego-portugueses não se limita às cantigas de amigo. Note-se que as três modalidades foram cultivadas pelos trovadores, embora nas cantigas de amigo quem fala é a mulher, mas todas foram escritas por homens.

Entrevistadores: A deficiência de nossas Bibliotecas e a conseqüente dificuldade de acesso às fontes primárias do medievo são problemas já endêmicos. Como o Sr. analisa a atividade dos estudiosos brasileiros da literatura medieval no contexto geral dos colegas de outros países?

Leodegário A. de Azevedo Filho: Todas as grandes línguas de cultura revelam, como não podia deixar de ser, claro interesse pela literatura medieval. Nesse sentido, a filologia no Brasil apresenta bons resultados, ao lado da filologia em Portugal, naturalmente. Tratei do assunto em várias publicações já aqui referidas e, ainda, no meu livro *História da Literatura Portuguesa*, v. I: *A poesia dos trovadores galego-portugueses*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.